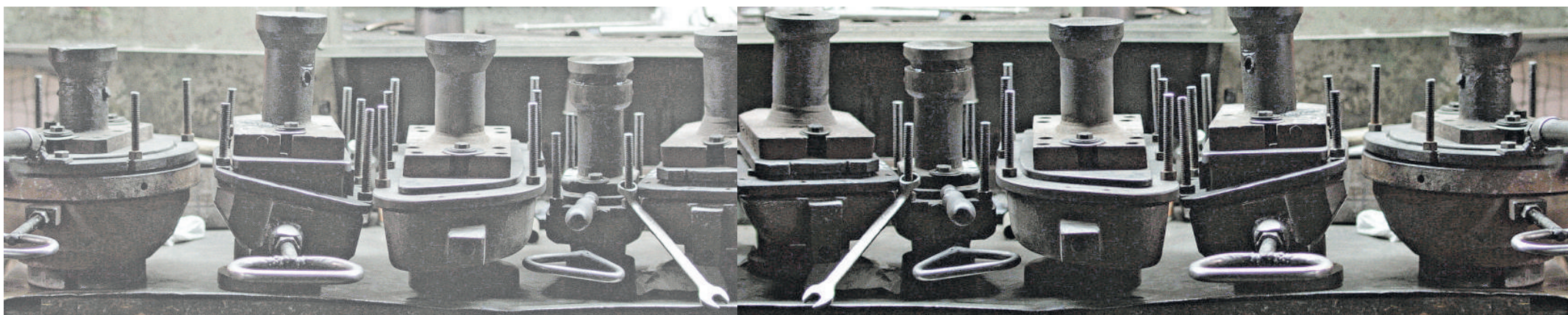






OCUPAR – RESISTIR – PRODUZIR

Estamos vivendo uma crise capitalista profunda e de caráter internacional, uma crise do capital que busca sair dessa situação garantindo a si mesmo o máximo de lucros e submetendo as grandes maiorias à fome e à miséria.

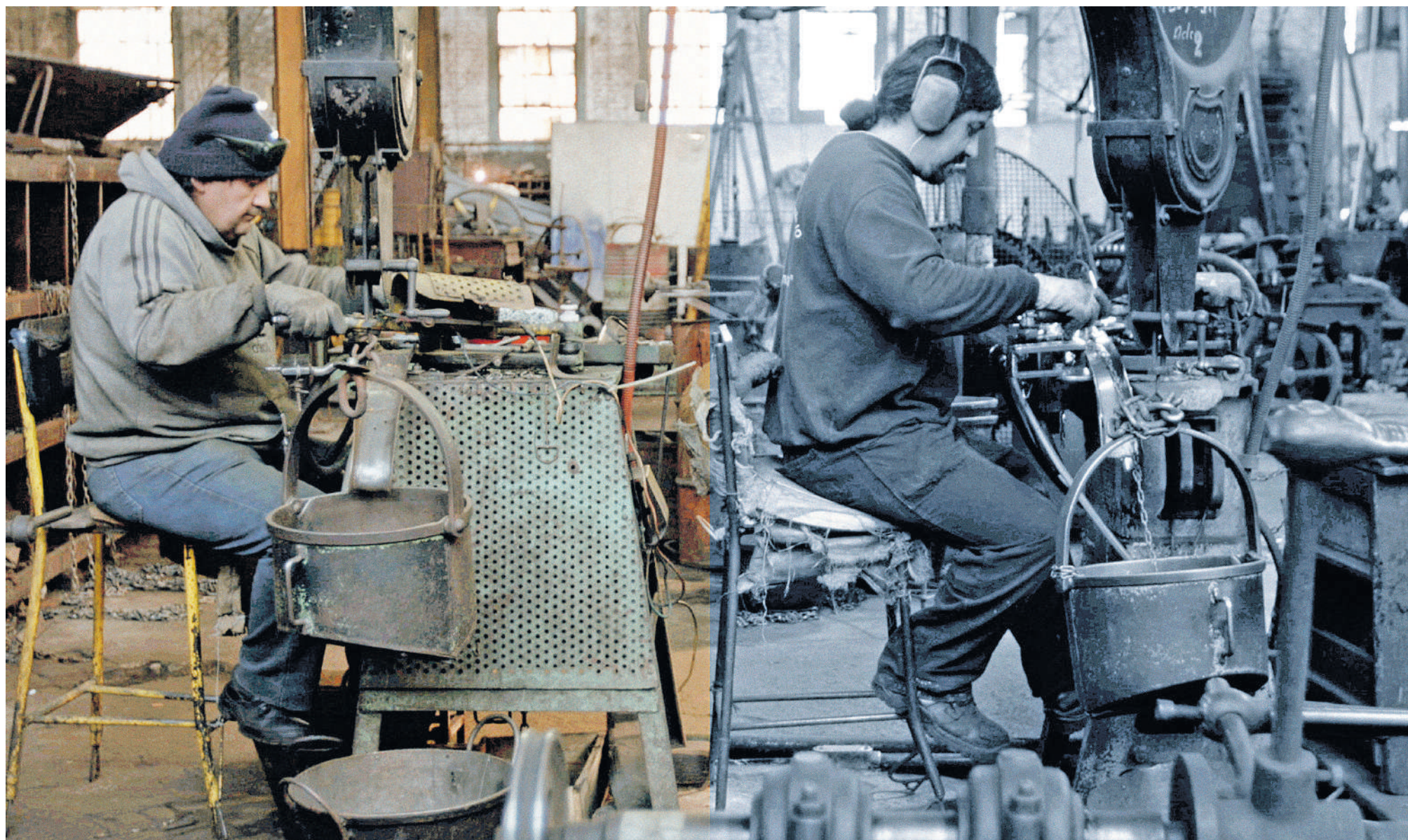


Para obter esse máximo de lucro, o capital necessita avançar sobre a organização do trabalho e sobre os trabalhadores, o que se pode ver no plano internacional com a brutal ofensiva sobre o direito de greve, tratando de limitá-lo ou anulá-lo. Não existe outra forma de resolver esta equação de maneira favorável para o sistema capitalista, exceto com mais opressão e concentração das riquezas. Fábricas que fecham, empresas que diminuem, negócios que se fundem. Milhões de trabalhadores estão sem trabalho. Diante da perda de seu emprego, o trabalhador sofre não só com a perda do sustento material, mas com uma crise em sua identidade, uma identidade ligada ao mundo do trabalho.

FÁBRICAS E EMPRESAS RECUPERADAS.

O fenômeno da recuperação de fábricas e empresas na Argentina se destacou dentro dos novos movimentos sociais de resistência ao modelo neoliberal da década de 1990. Piqueteiros, movimentos de desempregados, assembleias de bairros se somaram e se solidarizaram, constituindo o tecido associativo de resistência e luta em uma Argentina que havia sido devastada sistematicamente. Embora existam antecedentes históricos locais e internacionais, este modo de luta foi inédito, já que se gerou a partir de uma ação impulsionada por práticas sociais distantes de todo poder econômico e político. Foram os trabalhadores que, despojados de seus postos de trabalho, empreenderam a luta de recuperação quando os patrões deixaram de pagar os salários ou abandonaram as fábricas.

LA LUTA DE RECUPERAÇÃO DO TRABALHO



O LABORATÓRIO DE INVENÇÃO SOCIAL

consiste em uma série de ações em torno do trabalho e das experiências de recuperação de fábricas por parte dos trabalhadores.

Um projeto realizado junto aos trabalhadores sobre o trabalho e a perda do trabalho, sobre os modos alternativos de organização, a resistência, a reocupação e fundamentalmente, sobre os possíveis modos de construção coletiva.

RECUPERAR AS FONTES DE TRABALHO

Os instrumentos que foram implementados para concretizar as lutas nas diferentes frentes (jurídica, econômica, política e social) foram a constituição de COOPERATIVAS.

A organização se dá mediante a representação direta e a soberania das assembleias, onde a horizontalidade é

o motor organizativo. Que os meios de produção passem para as mãos dos trabalhadores ressignifica uma cultura do trabalho distinta de toda experiência anterior. A lógica é outra, a autogestão, com seu poder na tomada de decisões: se contrapõe a responsabilidades que antes só cabiam aos donos das unidades produtivas; a igualdade dos salários de todos os trabalhadores deixa para trás os salários segundo uma escala hierárquica; e solidariedade e o modo de organização cooperativo dão as costas para a competição.

AUTOGESTÃO HORIZONTALIDADE

COOPERATIVAS



CRÉDITOS

Ideia e realização: Gabriela Golder
Produção: Abel Cassanelli
Desenho gráfico: Mariana Lombard
Tradução: Alexandre Barbosa de Souza

Um projeto realizado com:
Cooperativa de Trabajo Cintoplom
(Ciudadela, Buenos Aires, Argentina)
Cooperativa de Trabajo Cadenas Ancla
(Avellaneda, Buenos Aires, Argentina)
Cooperativa de Trabajo Cristales San Justo
(San Justo, Buenos Aires, Argentina)

O QUE FAZER JUNTOS?



Classes sociais

Grandes grupos humanos diferenciados entre si pelo lugar que ocupam em um determinado sistema de produção social, relacionado com a propriedade dos meios de produção, o papel na organização do trabalho e, por consequência, na distribuição do produto social.

Cooperativa

Uma cooperativa é uma associação autônoma de pessoas que se uniram voluntariamente para formar uma organização democrática cuja administração e gestão deve ser feita da forma acordada pelos sócios.

Cooperativa de trabalho

Uma cooperativa de trabalho associado ou cooperativa de produção é um tipo de cooperativa cujo objetivo é prover e manter para seus sócios postos de trabalho em tempo parcial ou integral, através da organização em comum da produção de bens e serviços para terceiros.

Em algumas cooperativas foi estabelecido um acordo de igualdade laboral e econômica total entre os integrantes. Um homem, um voto; e os lucros e perdas se dividem em partes iguais.

Crise de 2001

A crise de dezembro de 2001 na Argentina foi uma crise financeira e política gerada pela restrição ao saque de dinheiro vivo de aplicações de prazos fixos, contas-correntes e poupanças, denominada "*corralito*", que causou a renúncia do presidente Fernando de la Rúa em 20 de dezembro de 2001.

Desocupado, desempregado

Pessoa que não tem emprego. Pessoa que perdeu seu trabalho e se vê obrigada a sobreviver como puder. Habitualmente, receptor de solidariedade.

Emprego

Emprego é o trabalho realizado em virtude de um contrato formal ou informal, individual ou coletivo, pelo qual se recebe uma remuneração ou salário. O trabalhador contratado se denomina empregado e a pessoa que o contrata, empregador.

Falência

É a situação jurídica em que uma empresa não pode fazer os pagamentos que deve realizar porque estes são superiores a seus recursos econômicos disponíveis.

Fábrica recuperada

É a empresa recuperada e gerenciada por seus ex-empregados, depois de sua falência ou fechamento.

Justiça

É o conjunto de regras e normas que estabelece um marco adequado para as relações entre pessoas e instituições, autorizando, proibindo e permitindo ações específicas na interação entre indivíduos e instituições. No ano de 210, o romano Ulpiano escreveu: "*A justiça é a vontade constante e perpétua de conceder a cada um seu direito*".

Lei de falências

Na Argentina, a reforma da lei 24.522 de Concordatas e Falências contempla as empresas que se encontram em fase de concordata e falência, favorecendo a sustentação da produção e dos postos de trabalho, diferentemente da norma anterior, que na prática facilitava o esvaziamento das unidades produtivas.

Luta de classes

É o enfrentamento que se produz entre duas classes antagônicas principais em uma determinada sociedade, pela diferença de seus interesses próprios, ou seja, interesses de classe. Essa luta é o motor da história na sociedade de classes.

Movimento de fábricas recuperadas

Associação que concentra as diferentes fábricas recuperadas da Argentina.

Operário

Trabalhador ou trabalhadora é a pessoa física que, com idade legal suficiente, presta serviços retribuídos, subordinados a outra pessoa, a uma empresa ou instituição.

Sociedade anônima, S.A.

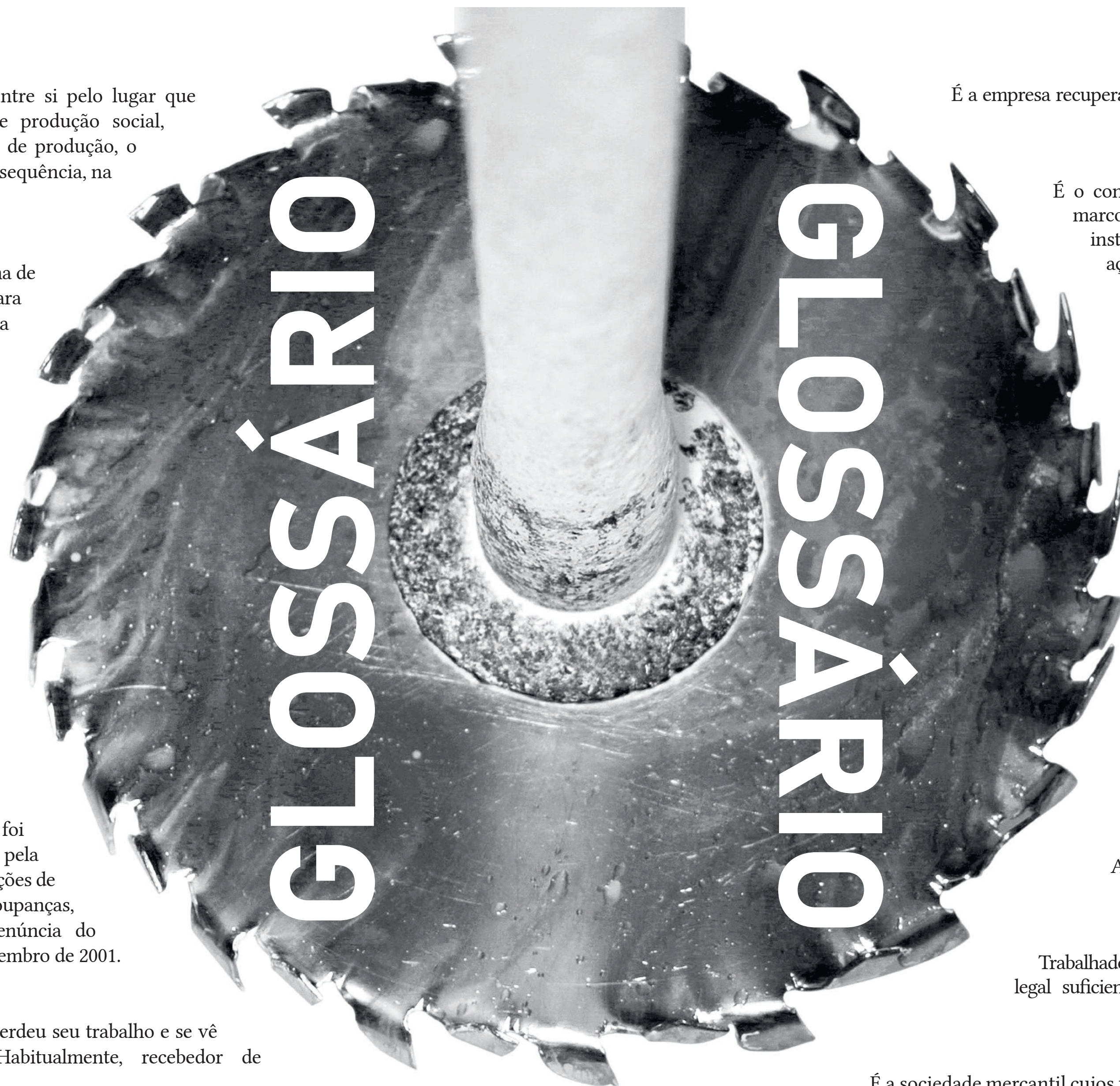
É a sociedade mercantil cujos titulares possuem participação no capital social através de títulos ou ações.

Solidariedade

A solidariedade, no aspecto social, é entendida como a capacidade de entregar-se a outros indivíduos, pensando nestes como semelhantes, poder dividir o trabalho, uma moradia, alimentos, sentimentos, abrigo, sem pensar em sua situação econômica.

Trabalho

É o esforço realizado para levar adiante uma atividade.



MAS

Em 20 de dezembro de 2015, recebemos uma ligação da distribuidora de gás pública avisando que não nos venderiam mais gás. Então, saí correndo atrás de uma distribuidora, para ver a que preço o venderiam. Naquela época, em 2015, pagávamos 2,97 dólares. Quando fomos à distribuidora, vimos os preços: 4,50, 5,50 dólares, nós não poderíamos pagar.

Então, resolvemos parar.

Paramos a produção e dissemos,

Esse tempo, enquanto estávamos parados, fomos pegos pela desvalorização do peso.

O que aconteceu?

Pagávamos um dólar pela matéria-prima que temos. É tudo dolarizado, o gás, a eletricidade.

Nós pagávamos 9,70 por dólar, começamos a pagar 15. Então, quando começamos a produção, que foi em abril, começamos a pagar um milhão de pesos de gás, quando antes, pagávamos 350 mil pesos. De luz, pagávamos 14 mil pesos e começamos a pagar 100 mil. De água, pagávamos 4 mil pesos, agora pagamos 20 mil. **E foi assim com tudo.** Então, naquele momento, decidimos fazer um estoque.

Eu e meus colegas trabalhamos entre 16 e 18 horas. Somos 60 pessoas.

Mas estamos vivendo uma agonia.

Porque atualmente, temos muitas incertezas. Trabalhamos seis meses, mas os produtos importados que estão entrando da China, da Indonésia, da Colômbia, de toda a parte. Então, o dinheiro não está dando.

O orçamento não dá.

"O que vamos fazer?"

Atualmente, estamos nessa batalha. A **cooperativa** requer um mínimo de paciência, persistência, **vontade de lutar**. Esta atual, sim, **é uma luta**, porque não temos apoio de ninguém. Não temos um sindicato nem nada.

Aqui a luta é nossa, dia a dia.

Por sermos trabalhadores, sabemos levar as coisas adiante para trabalhar. Queremos trabalhar bem. Mas vai chegar uma hora em que, trabalhando, não vamos poder pagar nem os impostos.

Estamos muito apertados.

Tivemos que reduzir salários. Isso já é grave.

O que será mais produtivo do que um trabalhador? Se ele é quem sabe trabalhar.

Ele é quem sabe fazer. O que nós queremos é trabalhar.

Estamos vivendo uma agonia. A fábrica está em agonia.

Mas o destino é curioso, esse modo de manter um trabalho, porque isto não é um roubo, isto é um trabalho, Os bandidos estão lá fora, não estão aqui dentro de uma empresa. Os bandidos não trabalham. **Eles chamam de trabalho, mas eu não conheço nenhum patrão que esteja em uma máquina.**

"Quem faz a fábrica são os operários.

Somos nós que trabalhamos."

(Se quisermos a fábrica, temos que juntar dinheiro, peso a peso. E comprar a fábrica. Senão, não tem jeito).

FABRICAS SEM PATRÃO

Texto criado a partir das entrevistas realizadas com os trabalhadores das fábricas recuperadas Cintoplom, Ancla e Cristalería San Justo.

Um dia, eu estava no bebedouro...

Veio um colega gritando **que tinham despedido todo mundo, 35 pessoas para demitir.**

"Como assim, 35 demissões? Sim, a Ancla vai fechar. Só vão deixar sete pessoas."

Eles querem esvaziar a fábrica!

Então, nós perguntamos,

"Qual é o motivo das demissões?"

Por que a fábrica Ancla vai fechar?"

Qual é o problema?"

E eles falaram que a fábrica não era rentável no momento.

E nós estávamos no melhor momento da fábrica, a produção estimada era de 30.000 kg

e estávamos passando de 52.000 kg de produção.

Então, para nós não fazia sentido.

Qual é o déficit da fábrica?"

O advogado da diretoria chegou e nos informou que, para os patrões, a fábrica não era rentável e a Ancla preferia fechar.

"Olhem, senhores advogados, como vai ser o assunto da indenização?"

"Vamos pagar 80%."

"Mas, como assim? A lei não diz 80%, nós queremos 100%, como tem que ser."

E ele disse que não, que a fábrica não tinha condições de pagar esse dinheiro aos operários.

O sindicato chegou e nos deu um panorama bem ruim: *"Bom, se a fábrica Ancla não dá conta, têm que sair, rapazes! Têm que esperar a indenização."*

E nós falamos que os chamamos porque eram nossos representantes e queríamos receber.

E o sindicato falou que tínhamos que aceitar o que o patrão oferecesse.

E nos recusamos. Porque não era bem assim.

Então começou aquela confusão, que iam chamar a polícia, que iam chamar a gendarmaria para nos tirar de lá... E dissemos: *"que venham."*

Daqui não vamos sair. Vamos começar uma greve pacífica com o pessoal."

E o sindicato falou *"Bom, companheiros, isto aqui acabou."*

Aqui não restam patrões, nem mais ninguém,

e um operário não pode levar uma fábrica adiante."

"O quê? Eu nunca vi nenhum patrão trabalhar aqui em uma máquina."

Aqui, só vi operários, meus companheiros, trabalhando, se matando às 5h da manhã."

Os patrões começaram a atrasar nossos pagamentos, alguns colegas foram embora, acertando as contas. Eles foram indo e foi sobrando cada vez menos.

Eles praticamente pararam de pagar nossos salários.

Às vezes, nos davam um vale-transporte para voltar para casa, mas nós vínhamos aqui e era como se o patrão nos desse esperanças de que isto seguiria adiante, que estavam fazendo de tudo para a fábrica dar a volta por cima. Até que chegou um dia, após uns sete meses nessa situação horrível, que às vezes, me lembro e fico mal, porque era literalmente **passar fome**, e **não tínhamos dinheiro para levar pra casa, muito menos os que tinham família.**

Quando fui pra rua, percebi realmente a situação. Porque para poder me sustentar, tive que sair e vender coisas na rua.

Pelo menos, para levar um pão à mesa dos meus filhos.

Então, eu vivi mesmo a realidade e sofri à beça.

Todas as pessoas estavam sem trabalho.

Você se preocupa com tudo, se informa de tudo que acontece no ambiente de trabalho. E, na verdade, eu gosto disso.

Faz a gente se sentir bem, **como se fosse parte de alguma coisa, do seu trabalho.**

É que o trabalho dá uma certa tranquilidade, **dignidade**, digamos. Sendo um **trabalhador** você se sente útil.

“Rapaz, sabe que está cometendo um crime?”

“Sabe que está roubando do dono da empresa? O senhor sabe que um operário não pode levar isto adiante, pois não sabe nada e ainda por cima, não tem dinheiro?”

Por que não faz o favor e fala para os seus colegas deixarem os donos cuidar disso, sendo que eles sabem como? Eles, sim, sabem cuidar da empresa."

Eu o deixei falar.

Ele se calou e eu pedi permissão para responder. ***"Olhe, senhor, primeiramente, eu não conheço nenhum patrão que esteja em uma máquina."***

QUEM FAZ A FÁBRICA SÃO OS OPERÁRIOS. SOMOS NÓS QUE TRABALHAMOS."

Fomos intimados a comparecer à delegacia. Falaram que estávamos ocupando o lugar ilegalmente, nós negamos. Não estamos ocupando nada, **estamos defendendo a nossa fonte de trabalho, a fonte de comida das nossas famílias.**

"Não, porque saiu um mandado do juiz, e vão ter que sair."
Não vamos aceitar isto.

E começamos a trábalhar.

Começamos com um cliente, depois veio outro... O problema era que depois, eles nos fizeram fechar todas as fronteiras da compra de materiais, de arame.¹⁰ Então, tivemos que ir com o advogado e outras pessoas, falar com os fornecedores de arame.

*"Mas já falamos que **somos nós os que trabalham aqui,** somos nós que chegamos às 5h da manhã para ligar as máquinas. Vamos começar a trabalhar, pessoal."*

Nós nos juntamos uma vez por mês e fazemos uma assembleia obrigatória, informativa.

E sempre que temos questões a resolver, nos reunimos a qualquer momento.

O primeiro trabalho que recebi da **cooperativa**, quando entrei foi na expedição, pois era o que fazia antes. E foi, mais ou menos assim, que distribuímos as tarefas, segundo o que cada um fazia. Mas isso não quer dizer que não dá para mudar, que alguém está preso a uma tarefa.

Nós fazemos tudo que precisa ser feito.

Atualmente, depois de tanto tempo, **todo mundo sabe fazer de tudo.**

Não é só um que faz isso. Não cuido de uma coisa só. **Sendo uma cooperativa, sempre trabalhamos desse jeito.** Todas as decisões são tomadas em conjunto aqui. E é sempre decidido pela maioria.

Não tem patrão nem ninguém falando o que tem que fazer.

Você se preocupa com tudo, se informa de tudo que acontece no ambiente de trabalho.

E, na verdade, ***eu gosto disso. Faz a gente se sentir bem, como se fosse parte de alguma coisa, do seu trabalho.***

Porque quando você não tem um emprego, é como se milhares de coisas passassem pela sua cabeça. Quando você está trabalhando, fica calmo. Mesmo se ganhar pouco, não estou falando de dinheiro.

Nós estávamos na porta da fábrica. No primeiro dia, a polícia veio porque uns vizinhos tinham falado que havia pessoas naquele lugar... **Sei lá, deviam ter pensado que íamos saquear a fábrica. Éramos só trabalhadores da fábrica.**

Estávamos arrumando a papelada com o juiz e esperando ele nos dar a chance de entrar na fábrica. **Nós entramos na fábrica,** e quando aconteceu, foi quando, realmente, **caí numa depressão foda.** Eu e os meus colegas, porque a fábrica estava **completamente vazia.**

Em outras fábricas, quando isto está prestes a acontecer, os trabalhadores ficam na porta ou diretamente declaram greve e não saem do local. Aí, **ninguém saqueia a fábrica,** nem encosta em nada. Sendo que não sabíamos de nada, sem conhecer o assunto das **cooperativas,** foi todo mundo para casa. Quando voltamos, depois de quase dois anos, a fábrica tinha sido **completamente esvaziada. Não havia nada.**

Tinham sobrado aquelas máquinas maiores, que não puderam levar, mas **também não tinham utilidade,** pois tinham roubado todos os fios delas e as placas. Depois, o resto da fábrica estava **em completo estado de abandono.**

Tinham levado tudo, não havia mais nada.

No setor dos escritórios, tinham feito buracos para levar os aparelhos de ar-condicionado, as portas.

Não havia nada; era como se estivéssemos começando em um galpão abandonado. Havia coisas esparramadas, máquinas destruídas, enferrujadas... Esse foi o panorama com o qual começamos aqui **e é claro que vários dos meus colegas sofreram uma grande depressão.** Sabíamos que tinham entrado pessoas aqui,

mas nunca imaginamos que encontraríamos a fábrica que tínhamos deixado funcionando, com capacidade de produzir um milhão de litros de pintura, **nesse estado.** Não tinha gás nem água. E luz, menos ainda. Era como começar a construir algo; era muito, **muito difícil.**

Quase todo mundo quis ir embora, mas depois, com o apoio de companheiros de outras fábricas, que disseram:

"Não, vocês precisam seguir adiante,

porque isto pode ser feito. Têm que fazer isto assim..."

E todos os meus colegas estavam assim, com urgências, e não dava para adiar. E ao não ter nada, e estando numa certa faixa etária, **ficávamos praticamente fora do mercado de trabalho.**

Não tínhamos alternativa.

“Vamos ficar aqui e ver o que podemos fazer. Porque não temos saída alguma.” (era o que pensamos para nós. Mas não discutimos o assunto).

"Eu vou ficar porque não tenho mais nada para fazer."

*"Este moço é igual a mim.
E está trabalhando
e ainda é dono
do próprio
trabalho."*

Ficamos aqui, começamos a
limpar, a fazer a faxina.
Pouco a pouco,
começamos a recuperar matéria
prima espalhada pelo chão... Com a ajuda de companheiros

de outras fábricas
pudemos comprar cabos e arrumar as
instalações para as máquinas
funcionarem, para ter luz.
Passamos 6 meses sem luz, sem água,
no escuro, em uma fábrica saqueada,
no inverno, frio,
sem comida,
sem nada.

Um dia, um colega de trabalho me ligou. e falou que nós
podíamos reabrir a fábrica, que
podíamos montar uma cooperativa.

Eu não entendia nada de cooperativas
mas fui com vontade de reencontrar meus companheiros.
E eu perguntei: *"Onde nos encontramos?"*

Companheiros
de outras fábricas sugeriram,
que começássemos a dar início
à papelada da cooperativa
Criamos a
cooperativa na
porta da fábrica
Então, fizemos a primeira
reunião da cooperativa,
assinamos
a papelada e dissemos:

"Agora somos uma cooperativa."

Muita gente veio até nós
e foram muito solidários.
Eles vinham e deixavam
coisas. Ou vinham e ficavam
horas tomando mate com a
gente, traziam erva e ficavam
tomando com a gente e
contando histórias. Falavam tudo que podia ser feito,
sobre isto e aquilo.
Então nós criávamos coragem
para seguir em frente com isto.

Isso é ser solidário mesmo, certo?
Por que o que nós tínhamos para dar a eles?

Nós éramos um grupo de
trabalhadores
abandonados,
dentro de uma fábrica.

Nós conversamos
e combinamos de fazer uma reunião
com um advogado em uma fábrica
recuperada.

Foi a primeira vez que eu entrava em
uma fábrica
recuperada,
em uma cooperativa.

Quando entrei naquela fábrica, foi
como se visse algo.
Ela despertou um interesse
em mim, mas principalmente,
me tranquilizava.
Um companheiro da fábrica.
Ele me chamou para entrar
como um amigo, nos sentamos,
tomamos mate e conversamos,
ele me contou do que faziam.
Foi muito gentil.

Eu nunca tinha conhecido
uma fábrica como aquela.

Todos nós entramos e eles vieram
para nos tirar, e não! Nós
resistimos lá na entrada e ficamos
aqui, insistindo.
Os patrões iam e voltavam. Nós
dormíamos, ficávamos de guarda,
para os patrões não virem e
esvaziarem tudo.

Passou um mês, mais ou menos.
Até as nossas famílias vinham.
Pois nos deram uma mão e um
apoio incrível.
Porque algumas casas não tinham
outra fonte de renda. A minha,
por exemplo, se eu não levasse
dinheiro, não havia renda,
nem nada.

Eu perguntei aos meus filhos
e à minha mulher: *"O que eu faço?
Largar a fábrica e ir fazer
uns bicos em outro lugar?"*

E os meus filhos responderam: *"Pai, você sustenta a família,
então... confiamos em você,
siga em frente."*

A única vantagem foi
que a fábrica ficou intacta.
Talvez faltassem ferramentas,
mas das máquinas
mais importantes,
matéria prima,
havia estoque.
Havia estoque de vidro, então,
depois que começaram a vendê-lo,
conseguiram montar
o primeiro forno.

Eu ouvia os depoimentos
das outras cooperativas,
foi quando
comecei a me empolgar.
Meus colegas começaram a contar
suas histórias,
como começaram
a trabalhar,
e havia algumas fábricas
que se davam muito bem.

Eu fiz a cooperativa
com um grupo de colegas
que tinha ficado aqui
até o fim. E depois,

começamos quando conseguimos
a luz após 6 meses. Fizemos
a nossa primeira leva,
quase um ano depois.

Fizemos a nossa primeira leva
de pintura com uma alegria...

Pusemos uma
máquina
para
funcionar!

Começamos a luta,
a trabalhar assim,
para dar comida
às nossas famílias.
Vieram clientes, nos pediam para
trabalhar, nós explicávamos...

*"O que faz o patrão é problema dele,
nós queremos serviço e não dialogar com o patrão.
Vamos fazer uma encomenda a vocês."*

Bom, e pensei:
*"Vamos começar
a trabalhar,
devagarzinho
e sem fazer barulho"*
(os patrões estavam
vigiando
a rua).



LABORATÓRIO DE INVENÇÃO SOCIAL